

Entrevista Continente Multicultural

Íntegra da entrevista para revista *Continente Multicultural* Edição 111 Março de 2010 (dada em 7/12/2009) para matéria “O prazer do texto começa na infância” de Daniel Buarque

Continente Multicultural: Em alguns artigos, você criticou a divisão das pessoas, dos leitores, em faixas de idade como sendo um problema. O que constitui a chamada literatura infantil, ou infanto-juvenil, e como ela se diferencia da literatura propriamente dita (se é que se pode falar em diferenças reais)?

Ricardo Azevedo: É óbvio que existem crianças, jovens, adultos e velhos. O que parece ser menos óbvio é que a divisão de pessoas em faixas de idade é, antes de mais nada, funcional e utilitária. Serve, principalmente, para organizar as classes escolares e para determinar fatias de mercado, o que permite a publicidade dirigida e facilita o escoamento dos produtos industriais. Ora, a vida mesmo é muito mais complexa do que isso. Acreditar que pessoas de dez anos, por exemplo, formem um grupo homogêneo de pessoas é uma bobagem. Embora da mesma idade, elas têm sua individualidade e, além disso, podem ter experiências, culturas e visões de mundo muito diferentes entre si. Outra coisa: a divisão em faixas etárias encobre o fato de que todos nós, independentemente de idades, somos aprendizes. Um cara de noventa anos, está aprendendo, e como! Tem que reaprender a lidar com o corpo, com a memória, com as novidades tecnológicas, com a proximidade da morte etc. Creio que, para a literatura, interessa muito mais identificar os pontos comuns entre as diversas idades – as paixões, a corporalidade, a busca do auto-conhecimento, a dificuldade de distinguir realidade e fantasia, os medos, os sonhos, os meandros do contato com o Outro, a efemeridade, as utopias pessoais, a construção da própria voz etc. – do que as diferenças. Eu, pelo menos, parto deste princípio para escrever meus textos. Alguém poderia argumentar: mas e a questão da linguagem? Na minha opinião, quem escreve para crianças não utiliza uma linguagem “infantil” (aliás, nem sei o que é isso) mas, sim, uma linguagem popular, ou seja, acessível a maioria das pessoas, independentemente de classes sociais, graus de instrução e faixas de idade. Alguém também poderia indagar a respeito de assuntos “eruditos” ou “abstratos”. De fato, eles não são nada populares. Quanto aos temas “adultos” seria preciso determinar melhor o que vem a ser isso. Vamos pensar no conto popular. Nele encontramos princesas que nascem mudas e recuperam sua voz quando encontram o homem por quem se apaixonam. Pessoas que deitam-se na cama e ficam “adormecidas” até serem despertadas por um sentimento forte. Mães ou madrastas que, ao notarem que suas filhas cresceram e tornaram-se mulheres, mandam matá-las. Gigantes que abusam de moças aprisionadas em castelos. Pais que tentam desposar as próprias filhas. Moças ou moços que não conseguem rir e se dispõem a se casar com alguém que saiba alegrá-los. Moços que precisam aprender a linguagem dos pássaros para conquistar suas amadas e por aí afora. São assuntos complexos, relativos à vida concreta, apresentados por meio de imagens e discursos compartilháveis e acessíveis a todas as pessoas, independentemente

de faixas de idade. Não é pouco! Diferentemente, certas obras consideradas “adultas”, costumam trazer, não poucas vezes, assuntos vistos de um ponto de vista demasiadamente singular e idiossincrático. Considerando o ambiente individualista e narcisista dos nossos dias, nem poderia ser diferente. Sem dúvida, elas não são populares. Se tais obras abordam assuntos adultos, ou não, creio que é assunto para psicólogos e sociólogos pois isso nada tem a ver com literatura. Se são boas, ou não, é uma questão para examinar caso a caso. O discurso egocêntrico, por si só, pode ser recorrente e estar na moda mas obviamente não é garantia de qualidade. Em suma, acho que é muito mais interessante pensar nas diferenças entre discursos “cultos” e discursos “populares” do que em discursos para adultos e crianças. Até porque, as noções de “adulto” e “criança” são determinadas por modelos de consciência construídos socialmente. Basta lembrar que, nas camadas pobres, crianças de doze ou treze anos são consideradas aptas para o trabalho e, às vezes, são até casadas. Nesses contextos, velhos de oitenta anos continuam trabalhando para sobreviver. Por outro lado, na mesma sociedade, é possível encontrar adultos de 25 anos ou mais, que ainda estudam, vivem de mesada e não têm a menor idéia do que seja lutar pela sobrevivência. Neste caso, um estilo de vida ótimo para o desenvolvimento de pessoas narcisistas e despolitizadas, que se julgam auto-suficientes. Enfim, sua questão é ampla e dá margem a muita conversa.

C.M.: Considerando a questão da escola como local em que a maioria das pessoas são introduzidas à leitura, além dos livros didáticos, que você critica no mesmo artigo, há os chamados livros paradidáticos, que introduziriam à literatura. Qual a importância deles para a formação de leitores?

R.A.: O que caracteriza a literatura de ficção e a poesia é, entre outras coisas, seu caráter plurissignificativo. Ele permite que o texto literário possa e deva ter diferentes interpretações. Livros didáticos e paradidáticos pretendem necessariamente que cem por cento de seus leitores tenham uma mesma e única interpretação. Trata-se de uma diferença crucial. Livros didáticos e paradidáticos são muito úteis pois transmitem informações mas, e este é meu ponto, não servem para formar leitores. Para que isso ocorra, é preciso que haja uma espécie de comunhão entre leitor e livro e ela costuma ocorrer justamente por meio da leitura prazerosa, da relação subjetiva e da identificação entre leitor e livro e, ainda, da possibilidade de interpretação pessoal e única. O problema é que a escola costuma confundir livros didáticos e livros de ficção e poesia, didatizando estes últimos. Como resultado, a maioria de nossas crianças infelizmente é levada a pensar que *todos* os livros são didáticos, ou seja, são técnicos, informativos e demandam uma única interpretação. Vai ser difícil formar leitores enquanto houver essa confusão.

C.M.: Muitas escolas "forçam" a leitura de clássicos da literatura brasileira, como Machado de Assis, e acabam criando uma forte rejeição a esta literatura - de que forma estes livros "adultos" podem ser apresentados aos jovens?

R.A.: Não é costume dar vatapá e acarajé acompanhados de cachaça para crianças recém nascidas. Com a leitura dá-se mais ou menos a mesma coisa. A literatura precisa ser apresentada gradualmente ao leitor. Isso significa dizer que a formação do leitor demanda

experiência acumulada. Creio que a maioria das escolas tem falhado nesse ponto até porque muitos professores nunca foram leitores e, portanto, não têm experiência de leitura. Trata-se de um problema educacional que precisamos resolver. Obrigar uma criança a ler textos para os quais ela ainda não está preparada, além de não formar, afasta o leitor da literatura. Por outro lado, é preciso que o leitor iniciante saiba que a leitura, como muitas coisas boas da vida, exige esforço e que o chamado prazer da leitura é uma construção que pressupõe treino, capacitação e acumulação.

C.M.: Entre os livros mais vendidos da última década em todo o mundo, segundo uma lista de best sellers publicada no mês passado nos EUA, estão duas séries voltadas para o público de crianças e adolescentes, "Harry Potter" e "Crepúsculo" (Além do "Código Da Vinci", também muito lido por adolescentes). Isto indica alguma tendência específica? Você conhece essas séries? leu os livros? Se sim, o que achou deles?

R.A.: Não li esses livros mas quero chamar a atenção para um ponto. A leitura da literatura tem a ver com diversidade. O leitor maduro é aquele que leu vários autores, conhece diferentes tipos de textos e tem uma visão mínima do que seja a história da literatura que permita a ele situar a obra lida num determinado contexto. Há pouco conversei com uma menina de seus doze anos que me contou estar lendo pela quinta vez seguida (!) a coleção do Harry Potter. Acho ingenuidade acreditar que ela esteja se formando como leitora. Ao que tudo indica, a relação que muitas crianças têm estabelecido com esses *best sellers* lembra uma espécie de simbiose e tem a ver mais com questões sociais e psicológicas do que propriamente com literatura. Leitores de um livro só não podem ser considerados leitores.

C.M.: Seu nome é uma referência nesta literatura infantil no Brasil, qual a situação vivida por este "gênero" no país? Que autores podem ser considerados relevantes na produção atual? Existe alguma característica específica da literatura brasileira voltada a crianças em comparação com a produzida em outros países?

R.A.: Trabalho há trinta anos com livros para crianças e jovens. Minha sensação é a de que no Brasil, hoje, produzimos uma literatura diversificada e madura, mais ou menos do mesmo nível atingido pelos países considerados de primeiro mundo. Refiro-me tanto a escritores e ilustradores, como a editores e à produção gráfica. Agora, não saberia apontar o que há de específico nessa produção. Certamente devem haver pontos convergentes, certas tendências preponderantes, talvez preferências temáticas, sei lá. Eis um belíssimo estudo comparativo que ainda está para ser feito.

C.M.: Queria saber um pouco sobre a sua formação como leitor. Que livros mais o marcaram desde a infância? Em sua biografia, o sr. menciona Dom Quixote, que idade tinha quando leu pela primeira vez? Acha que ele pode ser usado na introdução à literatura? Que livros experimentou com um sabor diferente ao se tornar adulto? E como você introduz a literatura a seus filhos? Que livros busca que leiam?

R.A.: Li o Dom Quixote com mais de vinte anos e não creio que seja um livro para iniciantes. Quanto à minha formação como leitor, é preciso lembrar que tenho 60 anos. No meu tempo de criança, a produção de livros infantis era bem menor, além de, muitas vezes, ser de qualidade duvidosa. Poderia citar o *Tesouro da Juventude* coleção cujos contos li várias vezes e mais algumas obras mas não muitas. Também não se falava em literatura juvenil. Logo com onze, doze anos eu, como outras crianças daquele tempo, já lia livros que hoje seriam considerados para adultos. Refiro-me a autores como Cronin, Somerset Maugham e John Steinbeck, este, aliás, um escritor do qual continuo gostando muito. Um jovem de hoje adoraria ler *Ratos e homens*, *A leste do Éden*, *O inverno de nossa desesperança* e muitos outros livros de Steinbeck. Li também bastante as crônicas de Fernando Sabino, Rubem Braga e Sergio Porto (e seu *alter ego* Stanislaw Ponte-Preta). Graças a meu pai, tive a sorte de ter tido acesso, desde cedo, a poetas como Gonçalves Dias e Castro Alves e também aos modernos Bandeira, Murilo Mendes, Drummond e outros. Enfim, o importante é que, a meu ver, para uma criança se formar como leitora é preciso, principalmente, duas coisas: 1) contato com adultos leitores, gente que saiba utilizar livros em benefício próprio e possa servir como referência; e 2) acesso fácil a livros diversificados, ou seja, a bibliotecas. Acho que, nessa situação, o leitor se forma sozinho. Quanto aos meus filhos, hoje são adultos mas posso dizer que os três são ótimos leitores.

C.M.: Sobre sua formação e trabalho como escritor, em que momento percebeu que sua produção seria voltada em sua maior parte a crianças? Foi uma decisão deliberada? O que sugeriria a jovens escritores que podem pensar em escrever para crianças?

R.A.: No meu caso, foi um decisão deliberada. Quando adolescente, li contos de um autor suíço chamado Peter Bischel e senti uma grande identificação. Tive vontade de escrever textos daquele jeito. Mais tarde, o livro de Bischel foi publicado no Brasil pela Ática com o título *O homem que não queria saber nada de nada e outras histórias*. Vale a pena ler. Fora isso, como eu gostava de desenhar, desde cedo percebi que poderia ser instigante escrever e, ao mesmo tempo, ilustrar o próprio texto.

C.M.: Que diferenças há no processo criativo da literatura infantil? De que forma você trabalha? Em que está trabalhando atualmente?

R.A.: Os “processos criativos” variam muito de pessoa para pessoa. De uma coisa tenho certeza: é preciso trabalhar muito para criar um bom livro, tenha ele o leitor que tiver. Acabei em novembro um trabalho que levei quase três anos fazendo e deverá ser publicado agora em janeiro pela Ática: *Contos e lendas de um vale encantado – Uma viagem pela cultura popular do Vale do Paraíba*. Neste momento, estou escrevendo um texto novo, ainda sem título.

C.M.: Em sua biografia, você diz gostar de música. De que forma a música está presente no seu trabalho de escritor? O que ouve enquanto escreve? Isso se reflete de alguma forma no trabalho?

R.A.: Antes de mais nada, preciso dizer que não consigo escrever ouvindo música. Sou músico amador, toco piano e violão desde que me entendo por gente e componho também. Para mim, uma música tem muito a ver com um texto. Ambos são quase sempre narrativos e têm um discurso inicial que, de alguma forma, pretende cativar o leitor ou o ouvinte. Ambos têm um desenvolvimento que procura surpreender ou negar a expectativa colocada inicialmente. Ambos necessitam de coerência interna e ambos rumam para um desfecho. Fora isso, ambos mexem com nossas emoções. Acho que seria muito bom se as escolas pudessem ou soubessem levar os jovens a perceber isso.

C.M.: Ao tratar da sua produção, precisamos falar também do trabalho de ilustrador. Como ele se casa com a literatura? A ideia muitas vezes banalizada de "livro de figuras" é importante para a atração de jovens leitores? Qual a fronteira entre texto e ilustração?

R.A.: É preciso entender o seguinte. Há desenhos que estão no livro para ajudar a criança pequena e pouco alfabetizada a compreender o texto. Neste caso, as imagens devem tentar repetir o que o texto diz. Ocorre que, em tese, com sete ou oito anos, a criança já sabe ler e não precisa mais disso. A partir daí, as imagens, de certa forma, se libertam e podem buscar o que está no texto de forma implícita, trabalhar nas entrelinhas. Trata-se de uma situação muito mais rica pois permite o diálogo entre texto e imagem e o surgimento de mil outras possibilidades expressivas. Neste caso, a soma entre o texto e as imagens pode dar ao livro um significado que não existia no texto e nas imagens vistos de forma isolada. Em outras palavras, o diálogo entre texto e imagem pode e deve ampliar o universo de significação do livro.

C.M.: Para finalizar, queria saber um pouco do seu sentimento em relação à formação de leitores. Qual dos seus livros considera emblemático da sua produção, ou acha que poderia ser usado para atrair novos leitores? Que situações o deixam mais orgulhoso, ou frustrado, de fazer parte dessa base da literatura infantil brasileira?

R.A.: Pra mim é motivo de orgulho ser escritor e ter livros publicados. É também muito gratificante participar da luta para formar leitores no Brasil. Tenho escrito artigos e dado palestras para professores e, de certa forma, voltei a estudar e fiz pós-graduação para tentar compreender melhor o assunto. Sou otimista. Hoje parece haver mais consciência a respeito do problema e volta e meia surgem idéias de como enfrentá-lo. Isso é ótimo pois não existe um caminho único para resolver essa parada. Minha sensação é a de que as coisas, mesmo que de forma lenta, estão mudando para melhor, até porque há no ar uma vontade geral, um consenso, com relação à importância de se formar novos leitores. Essa consciência, essa vontade social, não era tão disseminada em 1980, quando publiquei meu primeiro livro.